Aula 6: O recurso dos fiéis nas ruínas da cristandade.

De: Palestras sobre a Igreja de Deus

por William Kelly

2 Timóteo 2:11-22 .

Quantos elementos de solenidade se amontoam no assunto que agora temos diante de nós! É solene contemplar a cristandade e contemplar sua ruína, agora palpável demais para ser negada. É solene, por outro lado, pensar na fiel bondade de Deus, que sabia de tudo de antemão, espalhou-o na palavra infalível de Sua graça e nos mostrou que, se Ele pressentiu o mal que estava prestes a cobrir o cenário da profissão do nome de Cristo na terra, Sua amorosa sabedoria vislumbrou um caminho seguro — um caminho que os olhos do abutre não veem, mas que, no entanto, Ele dá ao Seu povo para discernir, e por meio do

qual podem ter a feliz certeza de que estão agradando a Deus.

Para aqueles que, por amor ao Senhor e à verdade, deploram e se recusam a ter comunhão com a prática corrente da cristandade, pode haver certa necessidade de apresentar provas tão fortes quanto possível daqueles males que agora abundam e dos quais a palavra de Deus preveniu quando estavam apenas em germe. De fato, pode haver uma espécie de tentação de provar o mal, onde sentimos de alguma forma a necessidade de uma justificativa para o caminho da separação para Deus. Mas essa tendência é corrigida prontamente, e o coração recebe o tom devido e a atitude correta, quando pensamos em quem, afinal, está mais envolvido e cuja honra devemos justificar. Que o Senhor nos livre de pensar em nós mesmos! Isso é indigno daqueles que pertencem a Cristo. Que

seja nossa glória justificá-Lo somente.

Será minha tarefa agora mostrar, não que Ele precise de algo de nós, não que Suas palavras de luz exijam as velas do homem para torná-las mais distintas, mas que a caridade divina busca a bênção de todos, especialmente daqueles que são relativamente jovens e desinformados na verdade de Deus. Espero apresentar, pelo menos, evidências suficientes para mostrar com a maior clareza qual é a vontade do Senhor; quão fielmente Sua palavra lida conosco; quão digno de confiança Ele mesmo é e aquilo que Ele colocou em nossas mãos. Isso pode encorajar o mais tímido dos filhos de Deus a olhar para cima com confiança, vendo que o fim era tão claro para Ele quanto o começo, e que para nós o único caminho é o de Cristo, pois não pode haver dois. Ele é o caminho, e assim como há apenas um Cristo, então só pode haver um caminho

que satisfaça o coração e a mente de Cristo para aqueles que O amam.

Vou apresentar razões fortes como se fosse preciso justificar isso? Bastará explicar o que Ele apontou. Para aqueles que O conhecem, haverá a justificação mais completa e a razão mais forte no fato de que este é o Seu caminho para nós, embora a Sua bondade tenha dado, infelizmente! provas seguras e abundantes de quão profundamente ele é necessário.

Além disso, terei a oportunidade esta noite de rever brevemente o terreno por onde passamos em ocasiões anteriores e de mostrar como tudo o que é mais precioso foi assegurado aos fiéis. Não que o Senhor não tenha se agradado de tirar muito. Não que devamos ser insensíveis a qualquer coisa que diga respeito ao poder e à glória do Senhor na igreja. Mas se corretamente reivindicamos um lugar mais elevado

para aquilo que diz respeito a Deus em Seus caminhos morais; se devemos sentir que o que traz e mantém diante de nós a graça de Cristo deve ser de valor mais profundo do que qualquer demonstração de poder diante dos homens; por outro lado, amados irmãos, seria um erro para o Senhor se olhássemos com fria indiferença para a total fraqueza de nossos dias e para a desonra assim imposta ao nome de Jesus na própria cristandade. Ai de mim! Não há lugar entre os estranhos ao Senhor Jesus onde se comete uma enormidade mais ousada do que no próprio cenário em que homens são batizados em Seu nome. Quando olhamos para tempos passados, para os primeiros dias da peregrinação da igreja na Terra e para o poder do Espírito Santo então demonstrado, estou convencido de que devemos sentir as feridas infligidas na casa de Seus amigos; devemos ficar tristes porque a audiência da igreja foi

tal que o Senhor não pôde externamente derramar honra sobre ela, mas foi obrigado a despi-la e envergonhá-la diante dos inimigos de Seu nome.

Reconheçamos tudo isso, bem como a tristeza muito mais profunda que os homens têm por tão pouco a verdade, por sentirem tão mansamente a honra da pessoa do Senhor na cristandade, sem falar da quase universal falta de sentir até mesmo o que a igreja é em suas formas mais nuas e simples, e ainda mais o total esquecimento de sua brilhante porção como um com o Salvador, e daquilo que a igreja espera no dia vindouro. Esteja certo de que, se não sentirmos assim com o Senhor em nossa pequena medida, não estamos em condições morais de agir corretamente de acordo com Sua palavra nas coisas presentes. É uma lição de grande importância ver que o Senhor não nos deu nas Escrituras aquilo que admite

mera imitação. Não basta pegar as epístolas do apóstolo Paulo, por exemplo, e começar a trabalhar como se fôssemos competentes para colocar em ordem as coisas que faltam e ordenar presbíteros aqui e ali. Uma coisa é recorrer à palavra que Deus nos deu, e outra bem diferente é presumir que podemos restabelecer a igreja agora que ela foi fragmentada e arruinada. É correto sentir sua condição vil, mas que agora devemos reconstruir aquilo que caiu – o próprio pensamento prova que o coração, nesse caso, não tem comunhão com Cristo; que há uma falta da devida e santa desconfiança de si mesmo; que há uma insensibilidade ao verdadeiro estado das coisas agora que é imprópria não apenas para restaurar a igreja com autoridade, mas até mesmo para a humildade da fé que confia nos recursos reais de Cristo. Pois é um princípio invariável de Deus que, quando há um afastamento dEle, não importa em que

circunstâncias, tempo, lugar ou pessoas – seja antes do dilúvio ou depois – seja em Israel ou na igreja – Deus insiste que o primeiro passo para o que é moralmente bom seja o reconhecimento da nossa real maldade aos Seus olhos. Quando isso acontecer, a presunção de que podemos realizar essa maravilhosa demonstração de poder, graça e sabedoria divinos estará longe de nós — a igreja de DEUS! Foi a maior obra, por assim dizer, que Deus já realizou na Terra (depois da cruz, por meio da qual uma única obra como essa se tornou possível) estará longe de nós.

Deus nos livre que, ao pensarmos no que Ele fez, comparemos aquilo que permanece sozinho — sozinho por toda a eternidade! Mas se olharmos para tudo o que já foi feito na Terra, ou mesmo para a própria criação do céu e da terra, digo que a obra de Deus em Sua igreja — a igreja de Deus — foi ainda maior. E

agora, nós, pobres vasos furados que não conseguimos guardar a bênção, nós que, por nossa própria fraqueza e invigilância, fomos presas das artimanhas de Satanás, e deixamos entrar os ladrões e salteadores que saquearam a casa de Deus, somos nós os homens que a reconstruirão? É este o sentimento da fé humilde? Se era ruim para o homem ir embora, se era grave para Israel desonrar a lei de Deus, o que deve ser para a igreja menosprezar a Deus, o Espírito Santo? Ela é a epístola de Cristo, a habitação de Deus por meio do Espírito, o objeto de Seu mais perfeito amor, aceita no Amado, sim, em Cristo, feita justiça de Deus nEle. O que significa, então, para essa igreja, na prática, renunciar à glória de Deus aqui na terra — preferir a obra de suas próprias mãos à Sua palavra e ao Seu Espírito — curvar-se mais uma vez diante de ídolos esculpidos pela arte e pela imaginação do homem? Oh! É mais

repugnante do que aquilo que a Escritura ou mesmo a História registram de dias e homens infinitamente menos privilegiados.

Não pense que estou exagerando o que a cristandade fez ou faz. Nem desejo me estender mais do que o absolutamente necessário sobre o doloroso fracasso daquilo que leva o nome de Cristo aqui na terra. Na verdade, não é assim. Mas ouçamos o que a palavra de Deus diz sobre o assunto. Quem permitiria a ideia de que Ele fala com demasiada veemência daquilo que viu desde o princípio e nos disse que viria ao olhar para o futuro?

Comecemos com o próprio Salvador e vejamos o que Ele insinuou aos Seus discípulos que se cumprirá quando Ele retornar à Terra, quando convocar o homem a prestar contas de si mesmo. Em Lucas 17, Ele não nos diz que o mundo se transformaria gradualmente

de um deserto para um Paraíso, nem que os pagãos abandonariam seus falsos deuses e os judeus, sua inimizade para com o verdadeiro Messias. Pelo contrário, Ele dá aos discípulos o aviso necessário: que seria como nos dias de Noé e nos dias de Ló. Eram tempos de comodidade e mundanismo, quando toda a humanidade se levantava contra Deus; e, no entanto, forneciam comparações para as cenas que encontrarão o Senhor quando Ele aparecer do céu para julgar o mundo. "Como aconteceu nos dias de Noé, assim também será nos dias do Filho do Homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e os destruiu a todos." A autossegurança e o amor ao conforto serão substancialmente os mesmos quando o Senhor for revelado pouco antes do dilúvio. Então, como antigamente, os homens estarão absortos nas questões comuns da vida

cotidiana. Apesar da lei, apesar do evangelho, novamente se vê e continuará aquele estado de corrupção e violência que trouxe o Dilúvio sobre a Terra, não menos culpados do que completamente indiferentes. E Cristo aguarda o dia de Seu retorno: nenhum milênio anterior de santa bem-aventurança O aguardando; nenhum coração feliz e regozijante caracterizando o mundo em geral então; mas, ao contrário, a mesma condição moral, a mesma indiferença à vontade e à glória de Deus que precederam o dilúvio.

Após o dilúvio, quando nações e línguas começaram a existir, houve outra cena ainda mais aterradora e degradante, que o mesmo livro de Gênesis nos apresenta; e esta também complementa com tristeza o quadro dos dias imediatamente anteriores à volta do Filho do Homem. "Como também

aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Ló saiu de Sodoma" (palavras muito sinistras!) "choveu do céu fogo e enxofre, e os destruiu a todos. Assim também será no dia em que o Filho do Homem se há de manifestar."

Se agora tomarmos as Epístolas, descobriremos que a luz derramada pelo Espírito Santo não enfraquece de forma alguma, mas confirma em todos os aspectos o testemunho do Senhor Jeans; apenas que agora temos naturalmente o Espírito Santo olhando mais para a cristandade professa, enquanto nosso Senhor fez dos judeus seu ponto de partida e centro.

Assim, em Romanos 11, sem se alongar muito no capítulo, o Espírito de Deus antecipa o fim da cristandade. "Não te glories contra os ramos; mas, se te glorias, não és tu que produzes a raiz,

mas a raiz a ti." Tal é a advertência dada ao professante gentio. Os judeus são mencionados pelos ramos naturais. Eles haviam sido os depositários da promessa desde a antiguidade e, portanto, tinham o lugar responsável de testemunho de Deus na Terra. Portanto, eram os ramos originais da oliveira, a linhagem da promessa e do testemunho na Terra que começou com Abraão. Mas os judeus violaram a lei, foram atrás de ídolos, recusaram e mataram o Messias. Havia um recurso no evangelho; mas eles recusaram o evangelho do céu, bem como o Senhor, seu Rei na Terra. A consequência é que os ramos naturais da oliveira foram quebrados, e a oliveira brava, ou gentia, foi enxertada no antigo tronco da profissão de fé. E esta é a advertência dada: "Dirás então: Os ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado." Não tem sido exatamente esse o sentimento da cristandade? Desprezo pelos judeus,

espanto com sua maldade, total insensibilidade quanto à sua própria condição. “Bem; por causa da incredulidade, eles foram quebrados, e tu estás em pé pela fé. Não te altiveste, mas teme; porque, se Deus não poupou os ramos naturais, vede que também não te poupe a ti. Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para contigo, bondade, se permaneceres na sua bondade.”

Deixe-me perguntar a qualquer homem que tenha o menor temor a Deus, ou mesmo conhecimento externo de Sua palavra: O Cristianismo continuou na bondade de Deus? Existe algum protestante, algum católico romano, que pense assim? Existe alguma pessoa, não importa onde, não importa quem seja, uma única alma que ouse dizer que a Cristandade, os gentios professos, continuou na bondade de Deus? O

romanista não pode pensar que o cisma protestante continua na bondade de Deus. O protestante tem certeza de que o corpo romanista é fruto de um puro afastamento de Deus na superstição; e assim poderíamos percorrer todos os sistemas existentes. Cada um pode pleitear sua própria associação; mas quem dirá que até mesmo a sua continuou fiel? Eles podem acreditar que isso funciona bem e seria admirável se fosse realizado; mas quem não reconheceria que isso não foi realizado? Que, consequentemente, nenhuma seita, nenhuma porção, nenhum fragmento sequer, continuou na bondade de Deus? Todos concordam que, quanto à massa de professos fora deles, ela falhou em testemunhar a bondade de Deus. Consequentemente, surge, por todos os lados, o reconhecimento de que os gentios não continuaram na fé. Não que o fracasso seja sentido como deveria ser; não que haja confissão e renúncia

adequadas do nosso pecado comum diante de Deus. Onde o pecado é realmente exposto a Deus, ele não persistirá. Mas pelo menos há um reconhecimento exterior, até certo ponto, na Terra agora, e o suficiente para provar que o cristianismo não continuou na bondade de Deus. O que então diz a palavra do Senhor? "Tu também serás exterminado." O gentio será exterminado por sua infidelidade, tão certamente quanto o judeu.

Isto, observe, não está em alguma porção profética da Palavra de Deus, que alguns poderiam considerar ambígua, embora não admitamos por um momento a ideia de que qualquer parte da Palavra de Deus o seja. Mas aqui, em uma epístola que todo cristão admite ser uma das mais fundamentais e abrangentes, que retoma o cristianismo a partir de seus elementos, e por meio da qual o Senhor estabeleceu almas em paz, talvez

mais do que por qualquer outra porção de Sua Palavra; é nesta epístola aos Romanos que temos o anúncio solene da eliminação segura dos gentios. Não apenas uma parte ou outra, mas a profissão gentia está condenada por Deus, porque não continuou em Sua bondade; tão verdadeiramente quanto o judeu está agora expulso de sua herança, uma palavra obscena e uma vergonha para toda a terra, evidentemente trazendo sua condenação estampada em sua testa.

Examinar muitas das epístolas ocuparia mais do que meu tempo. Basta dizer que, à medida que viajamos de 2 Tessalonicenses, uma das primeiras epístolas escritas por Paulo, até a mais recente, as Epístolas de João e Judas, temos apenas um testemunho crescente, cada vez mais distinto, urgente e terrível. À medida que o mal crescia, os sinais do julgamento se tornavam mais

aparentes. O Espírito de Deus soa a trombeta com um tom inequívoco e desperta os fiéis onde há ouvidos para ouvir. A cristandade estava sendo gradualmente minada e se tornaria, em pouco tempo, o motor da oposição a Deus — seria o palco do mal mais grosseiro, assumindo as abominações não apenas dos judeus, mas também dos próprios pagãos, e consagrando um sistema de idolatria sob o nome de Cristo e Sua mãe, santos e anjos, ainda mais assustador e culpado do que qualquer coisa jamais encontrada aqui na terra. Pois o próprio fato de orar a Pedro, Paulo ou à Virgem Maria prova que a luz do cristianismo deve ter sido conhecida, em alguma medida, antes de culminar em uma apostasia tão angustiante. Alguém acha a expressão "apostasia" forte demais? Permitam-me dizer-lhes que a própria expressão "a apostasia" é a expressão do Espírito Santo na Segunda Epístola aos

Tessalonicenses, onde nos é dito que "há um mistério de iniquidade que agora opera". Só que agora há um poder impeditivo. Consequentemente, não se manifestaria em seu pleno desenvolvimento de uma só vez; foi contido por um certo tempo pela mão bondosa do Senhor para os propósitos de Sua própria sepultura. Mas no momento em que essa restrição se fosse, não seria mais mistério, mas manifesta ilegalidade. É chamado de "uma (ou melhor, "a") apostasia" ou apostasia. Isso deve amadurecer, e "o homem do pecado" deve ser revelado. Assim, temos claramente uma sucessão ininterrupta do mal. Esta é a perspectiva descrita nas Escrituras; uma sucessão de males que continua aumentando em intensidade e volume até que, finalmente, quando a restrição é removida, ela irrompe em uma questão ainda mais assustadora — não apenas "a apostasia", mas "o homem do pecado".

Que contraste com o Homem da justiça, quando o homem ousa tomar o lugar de Deus no templo de Deus!

Isto é, então, o que a cristandade representa para o vigia cristão. É claro que não se concretizou em toda a sua força, embora eu não negue que tenha havido várias e crescentes manifestações do mal. Como nos diz o apóstolo João: "Já agora há muitos anticristos, pelo que sabemos que é a última hora". Isto é tanto mais notável porque ele mostra que o Anticristo estava chegando, o grande sinal disso é que havia muitos anticristos naquela época. Eles sabiam, por isso, que era a última hora. O Espírito não fecharia o volume do Novo Testamento até que o pior mal estivesse realmente lá, pelo menos em seu germe; e sendo assim e descrito por inspiração, não havia necessidade de mais nada. O Espírito de Deus podia, por assim dizer, dobrar o

rolo sagrado. Estava completo. O mistério da iniquidade já se mostra em ação, "o homem do pecado" é predito; o mistério de Cristo e da Igreja não mais oculto, mas revelado. A Escritura havia atingido seu pleno alcance. Resta, não uma nova visão de Cristo, por assim dizer, mas, ao contrário, o desdobramento daquele Cristo que eles já tinham, a revelação mais íntima e apreciativa da luz do amor de Deus que estava no Senhor Jesus Cristo desde o princípio. Este é o antídoto para tudo o que Satanás pode trazer – aos muitos anticristos e, por fim, ao Anticristo. Refiro-me a ele para estabelecer uma espécie de conexão entre os diferentes estados – a ascensão, o progresso e a manifestação final da iniquidade. Mais ainda, o iníquo deve se exaltar contra o Senhor da glória. O último livro do Novo Testamento mostra o reinado milenar sobre a Terra, inaugurado pela destruição da besta e do falso profeta

com toda a sua companhia, assim como a Babilônia havia sido destruída anteriormente.

Assim, rapidamente, lançamos um olhar, sem entrar em todas as provas da condenação da cristandade. Elas são patentes nas epístolas em geral e, em particular, na epístola de Judas, onde um esboço extremamente enérgico é apresentado no âmbito de um único versículo (11). Com aquele poder que só o Espírito de Deus sabe como escoltar, as sombras de Caim são esboçadas, depois as de Balaão e, finalmente, as do contraditório Coração. Não há nada para a cristandade ali? Não há nenhum som de julgamento seguro, ainda que adormecido, ali? "Ai deles! Pois seguiram o caminho de Caim" — aquele irmão desnaturado, aquele fingidor de religião, que trouxe sua oferta ao Senhor, mas matou os inocentes. Não há nenhum presságio naquele que recebeu

o salário da injustiça — no homem que, a despeito de si mesmo, profetizou coisas gloriosas de um povo que ele não amava, mas que teria vendido à destruição?

Não há uma lição solene nos salários recebidos por ensinar, talvez, as coisas gloriosas de Deus, sem qualquer interesse pelo Seu povo, e muito menos qualquer zelo ou zelo pela Sua palavra, pela Sua vontade, pela Sua glória? Finalmente, na temível rebelião de Coré, "na contradição de Coré", naqueles que tinham o ministério do santuário, nos orgulhosos levitas que cobiçaram e se arrogaram o lugar de Moisés e Arão (o apóstolo e sumo sacerdote da profissão judaica), não há aí uma advertência terrível? Você nunca ouviu falar de homens que professam ser servos de Cristo, mas fingem ser sacerdotes estrita, oficial e exclusivamente — presumindo ser canais autorizados do

perdão divino, com poder na Terra para absolver da culpa diante de Deus? Não falo apenas daqueles que, em suas trevas pagãs, afirmam oferecer um sacrifício tanto pelos mortos quanto pelos vivos. Certamente não se pensa com amargura em coisas como essas, mas todos podemos ficar horrorizados ao examinarmos os fatos verificados na cristandade. Se for uma profecia, é uma profecia cumprida.

Tudo isso pode bastar para mostrar quão pouco a cristandade permaneceu na bondade de Deus. Detalhes são desnecessários. Os membros mais piedosos das várias sociedades religiosas seriam os primeiros a confessar o fracasso das suas. A controvérsia de Deus não é apenas com um, mas com todos, embora, sem dúvida, os mais orgulhosos encontrem um julgamento peculiar. É evidente também que a palavra de Deus não

deixa à experiência humana ou ao julgamento espiritual a tarefa de inferir Seus pensamentos sobre a cristandade; Ele mesmo se pronunciou sobre ela. Portanto, não é presunçoso, mas, ao contrário, parte da fé humilde crer em Deus nisso. Quão bom Ele é, assim, em cortar o medo de formar um julgamento tão severo! Pois, agora, aquele que não pronuncia segundo o Senhor ignora a mente de seu Mestre, ou é falso à Sua vontade. Aquele que defende ou justifica a cristandade não teme, de fato, desmentir o Senhor. As Escrituras nos mostram o suficiente para demonstrar que o homem que consegue contemplar a cristandade e vindicar o que nos cerca, ignorante ou deliberadamente, menospreza todas as instruções que o Espírito Santo nos deu sobre o assunto. Sem dúvida, isso é forte; mas é a bondade do Senhor que faz com que reconhecê-lo agora seja uma questão de simpatia com Ele, e não de uma

pretensão orgulhosa de luz superior.

A palavra de Deus está aberta a todos. Por ela, todos somos obrigados a ver como Ele vê. O Senhor não admite desculpas vãs para queNão posso julgar. O Espírito de Deus, que julga e discerne todas as coisas, habita em cada cristão. Aquele que diz que não pode julgar a cristandade praticamente nega ser um homem espiritual; mas se julgarmos que a cristandade caiu nesses males preditos um após o outro, e que o que então estava apenas brotando agora está dando o fruto mais amargo e pernicioso, pergunto: devemos participar disso? Devemos ser insensíveis à nossa própria parcela do pecado comum? Se o Senhor graciosamente nos dá a advertência mais forte, devemos nos contentar com a mais frágil e profana das desculpas, de que quando o Senhor vier, Ele consertará tudo? Sim, mas será tarde demais para consertar minha infidelidade consciente

que desonra a Cristo; será para minha vergonha viver até então indiferente à Sua palavra, descuidado da Sua glória, independentemente do Espírito Santo, que se entristece com aquilo que tenho permitido na prática. Devo, ou não, abster-me daquilo que O insulta? Se eu sei dessas coisas, devo me contentar em não fazê-las? Aquele que as faz se coloca no lugar mais culpado de todos. Sei e sinto o desprezo que a cristandade faz e eu fiz ao Espírito da graça? Então, que eu olhe para cima em dependência do Senhor, para que eu não faça mais isso, nem me acomode em um pretexto tão coxo e criminoso como o de que o Senhor consertará tudo novamente. Ele não vem para julgar todo caminho mau? Sem dúvida, Ele trará o bem, e isso do alto, mas Ele julgará todo o mal, e ainda mais do que em tempos passados. Em vão, então, tento me abrigar sob a bendita verdade de que o Senhor está vindo para revelar o reino de Deus na

terra. Certamente, Ele virá. Dos céus, Ele virá e encherá a terra com a paz e as bênçãos que Ele traz consigo, em vez de encontrá-las aqui embaixo. Alguns pobres corações partidos Ele encontrará no mundo — um remanescente piedoso, clamando, como a viúva importuna na cidade culpada onde governava o juiz que não temia nem a Deus nem aos homens. Tal e pior será o estado de coisas, e em meio a elas Ele encontrará fé na terra? Sim, mas clamando em alarme. E assim Ele purificará o mundo com a espada vingadora, antes de estabelecer Seu trono de justiça sobre ele. É claro que falo figurativamente agora; mas o fato será um julgamento divino implacável; e, portanto, quão cego é para alguém se endurecer em continuar com o pecado sob o pretexto de que o Senhor está vindo para consertar o mundo e a igreja. Permita-me dizer ainda que o Senhor não nos deixou com nossos próprios

pensamentos, nem mais do bem nem do mal. Ele nos deu Seu caminho, e é isso que o coração deseja alcançar — os recursos dos fiéis nas ruínas da cristandade. Seria realmente estranho se a palavra de Deus não lançasse luz segura onde ela é tão necessária? Podemos conceber algo como o Senhor dando Sua visão do futuro sombrio,E nenhum joio providente para Seus amados, frágeis e trêmulos seguidores? Começamos com o testemunho do Senhor sobre a maldade do homem; vejamos como Ele assegura o bem para o Seu povo em meio a ela. Por Mateus 18, podemos bendizer o Senhor. Embora Ele esteja dando instruções quanto à fonte animadora da assembleia, que é a graça (assim como a lei era o princípio governante da sinagoga), o Senhor provê o que seria profundamente necessário se eles fossem reduzidos a um punhado: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí

estou eu no meio deles" (v. 20). Poderia alguém conceber pensamento mais terno, ou sabedoria mais evidente do que o Senhor cuidando assim dos Seus em um dia sombrio? A isso poderia vir o belo rebanho — aquela assembleia que outrora se destacou tão bela, com seus milhares sobre os quais repousava grande graça. Quão sábio é preparar assim os corações de Seus servos! Quão bem Ele conhecia e se precavia contra as ansiedades de Seus santos! Sabemos o que os números representam para o espírito mundano e quão propensos somos a confiar naquilo que parece grande na terra. No entanto, nada é mais destrutivo para o cristianismo. Aquele que não tem um coração para os dois ou três deve ser apenas um peso morto se estivesse entre dez mil. Sem dúvida, seria levado pela corrente de multidões felizes; e aquilo que fosse tão infiel à mente de Cristo poderia passar despercebido na forte corrente e no

recém-nascido deleite no Salvador, transportando tudo ao redor, como sem dúvida foi o caso naquele dia brilhante em que o Espírito Santo desceu do céu para ser o arauto da glória do Senhor e fazer dos homens crentes na terra a morada de Deus. Podemos entender que no Pentecostes a maré de alegria subiu tanto que cobriu todos esses elementos, por mais certo que eles aparecessem mais tarde.Não havia dúvida de que ele seria levado pela corrente de multidões felizes; e aquilo que era tão infiel à mente de Cristo poderia passar despercebido na forte corrente e no recém-nascido deleite no Salvador, transportando todos ao redor, como sem dúvida foi o caso naquele dia brilhante em que o Espírito Santo desceu do céu para ser o arauto da glória do Senhor e fazer dos homens crentes na terra a morada de Deus. Podemos entender que no Pentecostes a maré de alegria subiu tanto que cobriu todos esses elementos,

por mais certo que eles aparecessem mais tarde.Não havia dúvida de que ele seria levado pela corrente de multidões felizes; e aquilo que era tão infiel à mente de Cristo poderia passar despercebido na forte corrente e no recém-nascido deleite no Salvador, transportando todos ao redor, como sem dúvida foi o caso naquele dia brilhante em que o Espírito Santo desceu do céu para ser o arauto da glória do Senhor e fazer dos homens crentes na terra a morada de Deus. Podemos entender que no Pentecostes a maré de alegria subiu tanto que cobriu todos esses elementos, por mais certo que eles aparecessem mais tarde.

E logo chegou, cedo demais, quando sons de descontentamento foram ouvidos até mesmo naquela bendita morada de Deus. Ai! O homem estava lá; não apenas Deus em Sua bondade, mas o homem; e por trás estava o adversário

pronto para desonrar um através do outro.

A igreja, como o homem e Israel, precisa ser provada na Terra. Qual é o resultado declarado? Nunca houve tal bênção confiada ao homem; mas o homem é tão infiel sob o evangelho quanto foi rebelde sob a lei. O Espírito Santo é menosprezado como o Filho havia sido; e no dia em que as realidades eternas são reveladas, o homem se volta para as sombras do judaísmo, preferindo-as à verdade substancial de Deus. Esta é a história da cristandade. E o Senhor, com tudo isso exposto diante de Seus olhos prescientes, conforta Seus seguidores, ainda que fossem tão poucos e fracos, com a certeza de Sua presença onde Seu nome ocupa o lugar central em sua fé.

Na perspectiva da vinda do mal, quão gracioso é o Senhor pensar, talvez, em alguma aldeia obscura — em algum navio solitário que cruza o oceano — em

alguma ilha relativamente deserta — sim, ou na cidade vasta e populosa, onde a própria solidão do discipulado se realiza às vezes mais do que em qualquer outro lugar! Onde quer que seja, porém, quando quer que seja, o Senhor confere Sua própria autoridade aos dois ou três reunidos em Seu nome. Não é meramente Sua bênção — onde Ele não poderia abençoar? Ele subiu ao alto em bênçãos, e nunca desde então — se assim posso dizer — jamais depôs as mãos que então ergueu em bênção. Não poderia ser de outra forma até que Ele viesse em julgamento. Sua obra foi infinita. Quem poderia limitar a preciosidade de Seu sangue? Quem poderia dizer que a redenção, como a primeira aliança, estava obsoleta e prestes a desaparecer? Poderia alguma dificuldade, perigo ou necessidade na cristandade fazer com que aquela sepultura se tornasse, por assim dizer, sua fonte, ou secar aqueles rios de

águas vivas que os crentes deveriam receber? Não poderia ser; mas há mais do que tudo isso aqui. Não há apenas bênção, mas também o peso de Sua autoridade garantida ao menor representante real de Sua assembleia. Sabemos que os homens se esquivam da disciplina eclesiástica; e não precisa se maravilhar com isso quem sabe como ela foi transformada, sob os mais belos pretextos, no mais abominável flagelo da tirania que a Terra já viu. Não se pode, portanto, surpreender que cristãos que escaparam do peso daquela mão de ferro se retraiam um pouco diante do simples som. Mas devemos ter cuidado para não desconfiar dAquele a quem devemos todas as nossas bênçãos, porque Babilônia, a igreja mundial, perverteu Suas palavras. Mas se houvesse apenas dois ou três, deveria haver tanto zelo como se houvesse três mil para manter pública e privadamente, coletiva e individualmente, maneiras

consistentes com o caráter de Cristo. Isso não pode acontecer a menos que haja disciplina. A obrigação de uma caminhada pura e unida está ligada à própria integridade e existência da assembleia de Deus. Ela deixa de ser a igreja de Deus, a menos que haja o santo, fervoroso e solene cumprimento daquilo que o Senhor estabeleceu. "Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento." Nenhuma ruína pode abalar esta responsabilidade por um momento sequer. Por outro lado, o Senhor cuida, em Sua graça, para que a bênção flua apesar do fracasso.

Mas há mais do que a ação soberana da graça divina, onde a responsabilidade pode ter sido pouco sentida e a vontade de Deus mal compreendida. O Senhor zela por aqueles reunidos em Seu nome, e está presente no meio deles, mesmo que sejam apenas dois ou três. Que

conforto infalível e inestimável! Imagine por um momento algum cristão despertado para sentir que o lugar de um crente não é ser meramente membro do sistema eclesiástico do país ou de visões particulares, mas, ao contrário, que a única coisa que convém e é devida a Cristo é que renunciemos — não podemos ser humildes demais, mas também não podemos ser muito rigorosos na renúncia — a todo vínculo que não esteja conectado com Cristo. Onde podemos obedecer a Cristo no meio daqueles que são Seus — onde o Espírito Santo tem liberdade para operar de acordo com a palavra de Deus — aí está a igreja de Deus, e em nenhum outro lugar. A liberdade do Espírito é exaltar a Cristo, e somente isso. Este é um princípio universal, verdadeiro para um indivíduo e verdadeiro para a assembleia. Seria lamentável se a assembleia não fosse um cenário de verdadeira e abençoada liberdade; mas

assim é para que Deus seja glorificado por Cristo. Haverá também a consciência daquilo que é ofensivo, na mesma proporção do poder espiritual presente na assembleia.

Uma grande ou pequena companhia não faz diferença essencial. O Espírito Santo é enviado para zelar pelos interesses do nome de Cristo. Os dois ou três fracos e ignorantes reunidos a Ele sabem, pelo menos, que são dEle; que não devem, portanto, pertencer ao homem; que não devem, portanto, estar sob qualquer outro vínculo; que regras feitas por um, por muitos ou por todos — se fossem as melhores já produzidas — não têm o direito de vincular os cristãos, visto que Deus já forneceu o único padrão perfeito não apenas de fé, mas de comunhão na igreja, e que reconhecer outro é desonrar a palavra de Deus e o Espírito Santo, que está aqui para torná-la válida em poder. A questão não é se podemos

fazer melhor do que os outros: Deus nos livre: isso seria presunção. Mas pergunto, seja você quem for (e confio que, se for cristão, concordará comigo): qual é a melhor, suas regras ou a palavra de Deus? Se Deus, e não você, é o mais sábio, como você inventou essas regras? Você achou a palavra de Deus insuficiente e precisa suprir a deficiência! Qual é o resultado? Considere o que está acontecendo no momento presente, e em qualquer sociedade que você queira. Os próprios jornais ressoam com o escândalo do que é feito sob o nome de Cristo. De que valem suas regras? Nem você nem o mais sábio dos homens podem construir um padrão para todos os tempos; e por que tentar? Deus deu o Seu próprio, e Seus filhos não usaram outro.

Já temos a única regra segura e divina. A única necessidade é a fé para valorizá-la e agir de acordo com ela. É verdade que

as consequências são sérias. A fidelidade a Cristo custa tanto agora como sempre. Mas não é um pensamento solene que agora, neste alardeado século XIX, depois que o Senhor realizou a redenção, estamos apenas despertando, aqui e ali, para sentir que a palavra de Deus é melhor do que a palavra do homem? Que descoberta! No entanto, é tão grandioso quanto humilhante que seja algo novo — uma descoberta que muitos dos filhos de Deus ainda não fizeram. Todos admitem que a palavra de Deus é infinitamente sábia para a salvação da alma. Quem, quando se trata de questões eternas, confiaria sua alma às doutrinas dos homens? Então se sente o valor daquela palavra que revela o Salvador e do Espírito Santo que torna a palavra preciosa na revelação dEle. Mas não é ousado traçar essas distinções na palavra de Deus e deixar de lado aquilo que fala da igreja, do ministério, da

adoração, do partir do pão e da oração? Como é possível que os homens se comportem de forma prática como se a Palavra de Deus tivesse menos decisão e autoridade nessas questões do que os pensamentos inconstantes do homem? Como é possível que os homens tão raramente pensem em serem guiados apenas pela Palavra de Deus? Como é possível que os crentes recorram, como algo natural, a papéis eclesiásticos humanos? Como é possível, por exemplo, que dissidentes, os melhores dentre eles, quando desejam um ministro na Palavra, procedam imediatamente à sua eleição sem uma sílaba de Escritura para esse caminho? Quem lhes deu licença para fazê-lo?

“Deve ser assim; temos nosso próprio médico e nosso próprio advogado, e por que não nosso próprio ministro?” É exatamente esse princípio mundano que causou o mal. Por que Deus não é

consultado em Sua Palavra? Como é possível que, nas Escrituras, uma igreja nunca eleja um ministro? É claro que deve ter havido muitos que desejavam ajuda ministerial naqueles dias como agora; e Deus, que conhecia tudo o que é bom, deve ter conhecido também todas as necessidades. Como é possível que nunca tenha havido um homem escolhido por uma congregação cristã para pregar o evangelho ou ensinar os santos — nem um único exemplo na Palavra de Deus? Eles não conseguem se livrar da dificuldade. O que devem fazer? O fato é que o princípio dissidente é quebrado desde o início. Eles não podem transpor o limiar. Eles não podem prescindir de um ministro e não podem eleger um ministro de acordo com as Escrituras. Olhemos agora, não para o congregacionalismo, mas para os dois ou três reunidos em nome de Cristo. Eles também querem ajuda, esses fracos; e o que devem fazer? Esta é a palavra do

seu Senhor: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles". Deus me livre de menosprezar as vantagens do ministério; mas estar simplesmente sujeito ao Senhor, quer Ele envie ou não, é o melhor de tudo. O fato é que, como não somos autorizados, não precisamos eleger ninguém; pois todos já são nossos, "seja Paulo, Apolo ou Cefas". Cabe a Deus escolher e conceder. Ele uniu e tornou todos os Seus ministros parte integrante da igreja. Eles são membros do corpo de Cristo. São Seus dons para a igreja. É uma intromissão ignorante e maligna da parte da igreja eleger. Além disso, no momento em que você elege alguém para ser seu ministro particular, com esse mesmo ato você se defrauda de todos os outros. Você está se desviando do caminho de Deus para se enriquecer nesse aspecto; Mas esse mesmo ato de pressa egoísta, como qualquer outro afastamento do caminho

da fé, traz, como resultado necessário, o mais seguro empobrecimento. Suponhamos, então, que as pessoas consigam seu ministro; ele pode ser jovem, e elas podem querer ser nutridas e alimentadas na verdade. A menos que ele tenha todos os dons centralizados em sua única pessoa, eles são reduzidos à sua medida individual. Outro ainda pode ser um pastor e amar os santos; mas a congregação, em sua maior parte, consiste de pessoas que precisam ser convertidas, enquanto ele não é um evangelista, mas um pastor e talvez um mestre. Quão evidente é que, se testados dessa forma na prática, os caminhos do homem sempre arruínam a obra de Deus. O sistema paroquial nos corpos estabelecidos opera tanto ou mais mal. Pode parecer natural e prudente, mas a sabedoria humana nas coisas divinas é tão tola quanto fatal. O que mais poderia ser esperado por aqueles que conhecem a Deus e ao

homem de um afastamento da rica provisão que o Senhor fez?

Vejamos agora o outro lado. O Senhor está lá. Os "dois ou três" não enxergam exatamente o seu caminho. Estão diante de uma grande dificuldade. Talvez tenham ouvido o sussurro de alguma doutrina terrível e não a entendam, por não serem versados nesses assuntos. E então? Eles esperam no Senhor — algo salutar para qualquer um de nós — salutar demais ser obrigado a sentir que somente o Senhor pode ajudar. Mas Ele ama e cuida dos Seus santos. Ele levanta e oportunamente envia um servo Seu. O mal latente é revelado claramente; e no momento em que a luz de Deus, por qualquer meio, é lançada sobre ele, a consciência dos santos responde ao chamado do Senhor, e eles o repudiam de todo o coração para si mesmos.

Novamente, há alguém caído no que pode parecer pouco mal, mas o

suficiente para torná-lo indiferente ao Senhor, à Sua palavra, à Sua graça. Ele se recusa a ouvir a advertência de um, depois de mais e, por fim, da assembleia de Deus. "Seja para ti um gentio." Ele não é um pagão, mas supostamente um irmão; contudo, é tratado como se fosse um pagão, porque despreza a Cristo na igreja. Este, de fato, é o caso aqui suposto. (Mateus 18) Tal decisão é um teste para o coração, onde a vontade opera entre os santos. Mas mostra claramente que não é a sabedoria nem a experiência deles que os guiam corretamente, mas o Senhor no meio deles; e Ele promete a Sua presença mesmo que fossem apenas dois ou três reunidos ao Seu nome. Aqui, então, temos uma provisão clara e positiva para os fiéis nos piores momentos. É quase impossível conceber circunstâncias em que não pudesse haver "dois ou três".

É bom, porém, acrescentar que o ponto

essencial é a reunião deles em Seu nome. Não se trata de uma reunião em Cristo, onde a estreiteza é permitida, ou o sectarismo, assim como não se trata das formas mais grosseiras de deixar entrar o mundo ou tolerar o mal. Se "dois ou três" fossem tão felizes juntos a ponto de olhar com suspeita para homens piedosos fora deles, perderiam seu lugar de privilégio e estariam em uma posição falsa. O Senhor considera Seus discípulos dessa maneira? Ele os examina como se fossem pessoas de caráter duvidoso, ou os coloca em quarentena como se a peste pudesse estar neles? Falo de santos onde não há suspeita de doutrina maligna, direta ou indireta, ou de conduta profana. O Senhor os acolhe, e nós também devemos. Seu nome não tem valor onde não somos grandes por Sua causa.

Mas pode haver outro caso. Uma pessoa de grande reputação no mundo, que

pregou e é universalmente respeitada; mas, ai de mim!, ela se trai por falta de coração e consciência no que diz respeito a Cristo. A Ele eles recusam. Assim, o mesmo nome de Cristo, que é a garantia para acolher o mais fraco que O ama, é aqui exatamente o mesmo poder para recusar o mais elevado que não ama nosso Senhor Jesus Cristo em incorrupção. Que poder há nesse nome para unir e manter unidos corações que de outra forma seriam estranhos, e ainda assim, que teste delicado para detectar e excluir o que não é de Deus! Se for uma questão de verdade, o nome do Senhor é a única pedra de toque real; se for uma questão de disciplina, esse nome é força para o coração mais fraco; se for uma questão entre pessoas e princípios, somente ali se encontra toda a sabedoria e poder necessários, tanto individualmente quanto em relação à assembleia.

Mas vejamos agora 2 Timóteo 2. Temos uma imagem desenhada pelo Espírito Santo do corpo professo, a casa de Deus. A primeira epístola zela devidamente pela ordem e pelo bom governo na casa de Deus. A segunda epístola antecipa o influxo de males a tal ponto que a casa é meramente mencionada como comparação. Ainda assim, "o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo" — de um lado: "O Senhor conhece os que são seus", e do outro: "Aparte-se da iniquidade todo aquele que profere o nome do Senhor". Há, portanto, a soberania do Senhor de um lado e a justa responsabilidade do outro — dois grandes princípios que encontramos em todos os lugares. Segue-se então uma aplicação mais detalhada: "Mas numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; uns para honra e outros para desonra." Alguns tomariam o lugar de conhecer o

Senhor, a quem Ele não pertencia, e que não sentiam a incongruência do Seu nome com a iniquidade. Timóteo deve estar preparado para o desenvolvimento do mal entre aqueles que confessam a Cristo — não apenas "alguns para honra", mas "alguns para desonra". "Portanto, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda boa obra." A separação do mal é o princípio invariável de Deus, modificado quanto à maneira, é claro, pelo caráter especial da dispensação. Assim como Isaías, Jeremias e os profetas em geral. O cristianismo é menos rigoroso? É agora, ao contrário, que se torna mais urgente e absoluto. "Se alguém se purificar destas coisas [os vasos para desonra], será vaso para honra." Afaste-se dos ímpios (1 Coríntios 5); se isso não for mais possível, purifique-se deles. Não há nada que o homem tema e sinta tão

profundamente. Você pode protestar, pode denunciar, e isso será suportado pelo mundo enquanto você andar com ele em sua maioria; mas "aquele que se afasta", agora como sempre, "se torna presa". Aja de acordo com suas convicções, e a mais doce cortesia azedará; seu desejo de agradar a Deus a todo custo será rotulado como orgulho farisaico e exclusivismo. Não importa quão gentil e amorosamente você se purifique dos vasos de desonra; a dor, a mágoa, está lá, e nada pode adoçá-la, sobretudo aos olhos daqueles que ela condena. De fato, ela é mais sentida quanto mais graciosamente for feita, desde que seja feita de forma completa; pois então, evidentemente, sua motivação não é um sentimento de decepção, mas o desejo de se submeter inteiramente a Cristo, com um coração perfeitamente feliz naquilo que eles desconhecem e não poderiam desfrutar.

Tudo isso é uma afronta imperdoável aos olhos do mundo. Acrescente-se a isso a reivindicação de separação em 2 Timóteo do mundo religioso ou cristão. "O mundo cristão!" Que frase! Que contradição, como se pudesse haver a menor aliança possível entre o cristianismo, que é do céu e de Cristo, e o mundo exterior que O crucificou. Não é de admirar que nesta epístola leiamos sobre tempos trabalhosos nos últimos dias. Que perigo maior do que, depois de conhecerem a verdade, retornarem substancialmente às mesmas condições de mal que se encontravam no mundo pagão antes da entrada do cristianismo nele? Compare 2 Timóteo 3 com Romanos 1. Quão dolorosa a semelhança! A diferença é que algumas das características mais grosseiras do paganismo foram substituídas por um mal mais sutil. A comparação é muito instrutiva. Neste estado de coisas, a profissão cristã é de fato uma grande

casa; e, assim como em tal casa há aquilo que é destinado aos usos mais vis, não menos do que aquilo que é para os melhores propósitos, assim também naquela grande casa que leva o nome de Cristo — se preferir, "o mundo cristão".

Se houver, o que você deve fazer? É uma questão solene para o crente. Ele não hesita em relação ao mundo profano; mas o mundo que leva o nome de Cristo é uma dificuldade para ele. Vendo que a profissão cristã está lá, não estou me exaltando e virtualmente condenando os excelentes da terra? Mas você nomeará alguma coisa má que não tenha tido um bom nome associado a ela? Não falo agora de um veneno fatal como o socinianismo ou algo semelhante; mas tome o romanismo, ou a igreja grega, ou mesmo seitas conhecidas por serem heréticas, e ainda assim, pela malícia do inimigo e pela sutileza com que ele ocultou sua obra, alguns filhos de Deus

foram enredados. É muito claro, portanto, que, não importa o que os homens bons façam aqui ou ali, a única investigação real é quanto à vontade do Senhor. Não se trata de fazer os outros andarem em sua luz, mas você não deve andar em suas trevas. Este é o ponto crucial: não nos ocuparmos com os outros, prescrevendo o que eles devem fazer, mas sentir o meu próprio pecado, bem como o pecado comum, mas, pela graça, decidido a todo custo a estar onde eu possa honrar e obedecer ao Senhor. Não é este um verdadeiro e claro dever imperativo, um princípio inegável das Escrituras, que se recomenda à sua consciência? Pode ser que você não aja de acordo; mas você não pode negar que é algo certo e o que você deve fazer.

Mas você está preso e tem dificuldades. Talvez tenha uma família e amigos que não suporta lamentar; talvez tenha esperanças para seus filhos, se não para

si mesmo. Pode um coração purificado pela fé deixar de lado a palavra do Senhor? Você acha que Ele não conhece suas necessidades e não se compadece de sua família? Você sabe que o Senhor te ama: não consegue confiar nEle por um pedaço de pão? Você, que confia nEle para a vida eterna e para o céu, não consegue confiar que Ele cuidará de você diante dessas provações e obstáculos do dia a dia? Talvez você esteja muito confortável, muito ansioso com o que é respeitável para si mesmo e para seus filhos. Deixe o Senhor lidar com você; tenho certeza de que Ele não lhe fará mal, mas apenas fará o que for mais amoroso e terno para você e os seus. É impossível para qualquer coração estar além do amor, da sabedoria e do cuidado generoso e atencioso do Senhor. Se você realmente crê nEle, por que não se apegar à Sua palavra sem acordo ou condição e se apresentar a Seu comando? Você não sabe quais serão os

próximos passos. Basta que você saiba que está agindo contra a palavra de Deus agora. Em vão falamos de amor se não estivermos preparados para seguir a Sua palavra. Você diz que não sabe o que fazer em seguida? O Senhor não lhe pergunta: não é Seu costume mostrar tudo de uma vez. Aja de acordo com o que você vê na palavra e confie no Senhor para o que virá em seguida; Ele é digno da sua confiança e lhe dará mais quando você der o primeiro passo. Mas deixe para sempre aquilo que é condenado na palavra de Deus. "Lembre-se da mulher de Ló" e não olhe para trás, mas siga em frente, seguindo a Sua palavra onde quer que ela aponte, e você descobrirá que "a todo aquele que tem, lhe será dado". E quanto ao caminho, para o Senhor, áspero ou liso é igual, profundo ou raso, grande ou pequeno; pode fazer uma grande diferença para você, mas as maiores dificuldades apenas se tornam o meio de

provar o que é o Deus que encontramos.

Mas há mais em 2 Timóteo 2. Não apenas você deve se separar, ou se purificar, desses vasos de desonra, mas a palavra é: "Foge também das paixões da mocidade, mas segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor". Portanto, não há desculpa para o isolamento. Vire as costas para o que você sabe que se opõe às Escrituras. Devo demonstrar a algum cristão que o que não é bíblico é profano? Devo insistir que "aquele que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado?". Se, então, você abandona o que não tem garantia nas Escrituras, mas, pelo contrário, é condenado por elas, ouça esta palavra de Deus: "Segue a justiça, a fé, o amor e a paz". Segue-os, não solitariamente, mas "com os que, de coração puro, invocam o Senhor". Que consolo, mesmo que fossem apenas dois ou três! Você tem medo porque são

apenas dois ou três? Deus pode agir sobre centenas ou milhares: isso é assunto para Ele. Você deve seguir o caminho do Senhor por meio de Sua palavra, com espírito disciplinado, mas não com tristeza, mas cheio de alegria e gratidão, se encontrar poucos que invocam o Senhor com um coração puro. Em outras palavras, a fé tem uma garantia divina para esperar companheiros em seu caminho, embora ela esteja agora em meio à ruína da profissão cristã. Assim como é imperativo afastar-se de todo mal conhecido, e não pode haver desculpa válida para recusar o chamado de Deus, também é obrigatório o companheirismo em seguir a justiça, a fé, a caridade e a paz, com aqueles que invocam o Senhor com um coração puro. Que nenhum obstáculo ou perigo nos assuste, mas sabendo que foi o Senhor quem graciosamente pensou em nós, que você, eu e todos os que amam esse bendito

nome tenhamos confiança inabalável nEle! Ele se dirige aos corações entristecidos em meio à desonra à Sua graça e verdade, e Ele tomou a iniciativa de marcar com mais clareza o caminho não apenas da separação, mas da associação — o caminho do afastamento do mal e da busca pelo bem.

Quão claramente os grandes princípios morais de Deus permanecem apesar da desordem! Como as operações de Sua graça sobrevivem a toda ruína! Assim, o princípio da Assembleia de Deus permanece, talvez, em apenas dois ou três reunidos ao nome do Senhor. Milhares de cristãos, em um sistema nacional ou em uma seita dissidente, não conseguiram redimir seu erro fundamental; membros de Cristo podem estar neles, mas o princípio da assembleia de Deus é abandonado em sua própria constituição. Que "dois ou três" se manifestem à palavra do Senhor,

fazendo de Seu nome o seu centro e reconhecendo o Espírito de Deus como estando neles e com eles para guiá-los de acordo com as Escrituras; estes, e somente estes, estão realizando a Sua vontade na real inteligência do Espírito Santo. Não se trata de números, mas de estarem reunidos, poucos ou muitos, ao nome do Senhor.

Todos aqui sabem o que é a Câmara dos Comuns. Cem membros dessa Câmara podem pertencer ao United Service Club, ao Athenæum ou a qualquer outro lugar que se queira. Esses cem membros podem discutir as medidas que estão sendo propostas perante a Câmara em seu clube; mas isso jamais faria do clube a Câmara; ao passo que, em sua verdadeira posição, com o Presidente da Câmara no meio, um número muito menor constituiria uma Câmara. É exatamente o mesmo princípio aqui. O que constitui a assembleia de Deus?

"Dois ou três" reunidos em nome do Senhor. Ele se agradou em reduzi-la ao ponto descrito, com o selo mais completo possível de Sua aprovação e autoridade.

Por outro lado, suponhamos dez mil cristãos reunidos simplesmente como cristãos — isso basta? Posso conceber uma assembleia de cristãos professos, sim, verdadeiros; e, no entanto, não haveria mais razão para chamá-los de assembleia de Deus do que considerar qualquer número de membros em seu clube a Câmara dos Comuns. Não é o fato de serem cristãos que constitui a assembleia de Deus, mas sim o fato de estarem reunidos em nome do Senhor. A questão prática para nós é se estamos reunidos em nome de cristãos meramente ou em nome de Cristo. Se for o primeiro caso, você deve aceitar qualquer ato maligno para o qual o inimigo consiga arrastar os cristãos.

Pois, se o homem for cristão, devo recebê-lo, apesar do mal que esteja fazendo ou sancionando. Mas não! A questão é: ele invoca o Senhor com um coração puro? A exclusão desta palavra de Deus tem inundado amplamente a cristandade, causando incalculável dano às almas, e nunca mais do que agora, quando os homens praticamente colocam os cristãos no lugar de Cristo, cuja consequência é confusão e toda obra maligna.

Ao passo que, se o Senhor tiver o Seu lugar e for o centro ao qual venho, terei então em Seu nome um fundamento e um ponto de encontro ao qual posso reivindicar, com a mais sedutora humildade, todos os santos do mundo — sim, eu não poderia e não deveria descansar em meu espírito enquanto alguém que Lhe pertence estiver fora. O que eu faria mesmo com aqueles sob disciplina ou evitados por causas

graves? Sim, todos; não, é claro, para recebê-los com o mal conhecido sobre eles, mas ainda assim para desejarem a si mesmos o que é contrário a Cristo ser julgado e removido.

Que o Senhor nos mantenha firmes e nos faça sentir que o espírito mais humilde nos convém. Como podemos nos gabar de deixar de praticar o mal que nós mesmos praticamos? Que possamos olhar para Ele cada vez mais! Aquele que nos tirou de lá nos compeliu a provar, por meio de nossas próprias dificuldades, o verdadeiro estado da igreja; mas Ele se voltou para lucrar com nossos próprios erros, embora de forma humilhante. Ele usou a tempestade, por assim dizer, para purificar o ar nebuloso e expôs com mais clareza do que nunca o lugar central de Seu próprio nome para nossa reunião, não menos do que para nossa salvação.

Assim, podemos deixar todos os medos e

ansiedades. Se o Senhor é nosso ajudador, por que temer? O que o homem fará? Então, quanto às acusações de sectarismo, presunção ou desordem, seria fácil de fato mostrar que são realmente culpados aqueles que se apressam em levantá-las e dispersá-las. Sabemos que as Escrituras condenam toda associação eclesiástica que não seja baseada e governada pelo nome de Cristo. Não se trata apenas de erros aqui ou ali; mas são cristãos reunidos ao nome de Cristo? Nem se trata da quantidade de mal? Pois o que não se infiltrou em Corinto por ignorância e descuido? A recusa em julgar o mal conhecido é sem dúvida fatal. Mas, supondo a ausência de tudo o que é grosseiro, a verdadeira questão é: Estamos onde o Senhor quer que estejamos? Então, felizes seríamos, se apenas "dois ou três" assim: se fôssemos dez milhões em qualquer outro lugar, todos estariam errados, porque

Cristo não é o centro reconhecido e exclusivo eclesiasticamente. Aquele que é o único objeto adequado e legítimo para todos os santos na Terra se digna ser o centro de apenas "dois ou três", como Ele diz, que estão "reunidos em seu nome".